

Psicanálise do processo de aprendizagem: algumas reflexões

ABRAHAM TURKENICZ

Assessor em Psicanálise

Secretaria Municipal de Educação, POA

Escola é lugar de aprender. Por mais que as instituições se criem com determinada finalidade original e, à medida que elas vão construindo a sua história, seus objetivos vão se afastando daqueles originais, não me parece que já esteja impregnado na nossa cultura que a escola tenha deixado de ser o lugar de aprender. Se ela vem deixando de ser este lugar - e vem! - deve-se menos a elaborações críticas e reflexões consistentes que indiquem a necessidade de uma mudança de rumos e mais a uma síndrome geral de perversão das instituições brasileiras em que os mesmos órgãos governamentais que sustentam a escola pública encarregam-se de esvaziá-la pouco a pouco, completamente desinteressados, na prática, de que elas cumpram aqueles objetivos que eles mesmos anunciam pelas vias oficiais como dando sentido à escola. Desviando os orçamentos públicos da educação para outros fins vai-se aviltando aos poucos os salários dos professores, induzindo-os a ocupar mais seu tempo dando aulas e sacrificando os investimentos na sua melhor qualificação profissional, levando para a escola privada os professores mais talentosos pois estes são aí melhor remunerados ou diretamente estimulando que os professores se dediquem a outras atividades profissionais através das quais possam manter um padrão de vida mais digno. Na verdade, vai se tornando efetiva uma estratégia política deliberadamente planejada e executada na direção de descomprometer o Estado com a educação. E é este mesmo contexto de empobrecimento geral que vai estimulando um achatamento de expectativas e exigências por parte dos alunos, mais ocupados com a formalidade de serem aprovados e livrarem-se o mais rápido possível de sua condição de alunos para ingressar no mercado de trabalho do que em aprender conteúdos e criar conhecimentos, do que em cultivar sua imaginação criadora e inteligência para ir produzindo hipóteses, discuti-las e, neste processo, ir exercitando e desfrutando de sua inteligência. E neste contexto de sangria da escola - e não é só na escola que ocorre esta sangria - que se vai assistindo a um desvio das suas funções originais, onde seus porta-vozes passam a apregoar uma escola cujas funções principais sejam as de guarda e alimentação das crianças que nela se encontrem. Não se trata de ser contra a guarda e a alimentação oferecidas pela escola para seus alunos, senão na medida em que sejam satisfeitas estas pré-condições para que possa ocorrer o processo de aprendizagem e não relegando este processo à condição de secundário. A escola que guarda e alimenta os seus alunos sem ensiná-los está, na verdade, criando um exército de fracassados, pessoas que vão deixando de confiar na sua inteligência e nas suas capacidades de criação, circulando socialmente no amplo sub-mundo dos submissos e dependentes, pessoas destinadas a receberem ordens e executá-las sem qualquer reflexão, para voltar a ficar disponíveis para receberem novas ordens.

Escola é lugar de aprender. Tal como podemos ver o contexto brasileiro pela descrição acima, essa afirmação se torna uma bandeira de luta, mais do que qualquer outra coisa. Investir em que a escola possa ir voltando a ser um lugar onde se aprenda passa a ser uma meta a atingir. Revisitar e repensar as concepções sobre como ocorre este processo de aprendizagem é parte desta trajetória.

Não há conhecimento que se produza sem obstáculo. Convém pensar que a escola é uma aquisição relativamente recente da humanidade, que já produzia conhecimentos muito antes de produzir esta instituição. E a produção destes conhecimentos tinha - e tem - que ver com as limitações que a realidade, tal como ela se apresentava, impunha a seus habitantes. Mas uma realidade só é limitada diante dos olhos de quem a possa ver assim. A realidade não é, por si só, nem limitada nem generosa. Ela simplesmente se apresenta de uma determinada forma, a que tenha num certo momento de sua história. Há quem possa sentir-se insatisfeito com o que lhe é oferecido. Este padecerá de uma sensação peculiar, que podemos chamar genericamente de falta. Podemos aperceber-nos dela e referi-la de várias formas, que se exemplificam a seguir: insatisfação, agonia, angústia, dúvida, incerteza, despreparo, vacilação, desespero, etc. É fácil constatar que se trata de sentimentos desagradáveis, que os que nos sentimos habitados por eles preferiríamos encontrar uma forma de livrar-nos deles. E é justamente no esforço para livrar-nos destes sentimentos desagradáveis que podemos ir descobrindo mais alternativas do que aquelas de que dispúnhamos até então. E neste contexto tenso, atravessado no mínimo por uma inquietação, que podemos ser surpreendidos pela nossa inteligência. Este processo, mesmo sofrido, não é capaz de expulsar de si o prazer que ele também contém. Um prazer resultante de, pelo menos, dois outros tipos de prazer aí incluídos. Por um lado, o de ter criado uma nova alternativa, de ter podido enriquecer-se com ela, de ter ampliado seus horizontes com seus próprios meios: em linguagem psicanalítica, prazer sublimatório. Por outro lado, o prazer de sentir-se capaz de superar um problema, de não ter ficado imobilizado pelo sofrimento ou pela falta mas de ir adquirindo, ante si mesmo, créditos como criador, confiança em sua capacidade de achar soluções para questões que se apresentem, uma espécie de saldo a favor que permita ao sujeito ficar menos imobilizado diante de um novo obstáculo que venha a ter, antes mesmo de saber qual será: em psicanálise se conhece como prazer narcisista. Se o sujeito não puder contar com um mínimo de conhecimento e confiança a respeito de sua própria capacidade de construir hipóteses, será muito difícil que possa sequer lançar-se no processo de aprendizagem. Estas condições mencionadas, podemos chamá-las condições psíquicas, seriam: a) o registro da falta; b) algum nível de sofrimento da falta; c) prazer sublimatório pela construção de novos circuitos; d) prazer narcisista pelo acréscimo de confiança na própria capacidade. Outra forma, também útil, de poder focar e apreciar estas condições psíquicas, é pelas suas ausências e pelos efeitos que estas ausências são capazes de produzir.

Vejam: a falta da falta é a plenitude. No campo do conhecimento é o saber pleno, ou seja, a certeza. Na medida em que

nos encontremos assegurados por certezas plenas, não nos parecerá que tenhamos que buscar algo desconhecido, algo a mais que possa oferecer algum tipo de satisfação que não tenhamos. A certeza encerra o caminho da busca, nos faz sujeitos suficientes. Alguém que esteja habitado pela certeza não tem porque propor-se nem aceitar um convite para aprender: já sabe! Ele pode, isto sim, considerar-se apto para ensinar, para espalhar seus valiosos conhecimentos para o mundo daqueles que não tenham o privilégio de conhecê-los e, assim, aceder à certeza.

Sendo assim, o sofrimento a que estará exposto será diferente do da insatisfação, do desconforto pela lacuna. Tenderá a ser o sofrimento da incompreensão, produto da ignorância ou falta de sensibilidade dos outros. A falta fica, assim, expulsa de dentro de si e é passível de ser encontrada somente fora do próprio sujeito: aos outros lhes falta compreensão, lhes falta sensibilidade, lhes falta discernimento, etc. Imerso na sua certeza, o sujeito tenderá a aproximar-se preferencialmente de quem também o reconheça como possuidor desta verdade. Os que não o façam, sub-mortais que insistem em preservar a sua cegueira, lhe merecerão gestos que vão desde as intermináveis e imobilizadoras queixas - e lamentos e mágoas e rancores - até, na hipótese mais otimista, uma espécie de comiseração pseudo-generosa.

A ausência do prazer sublimatório é a repetição. Não nos encontraremos mais com um sujeito passível de ser tomado de surpresa por sua inteligência mas alguém condenado à interminável repetição de verdades absolutas. Neste contexto, de onde foi banido qualquer espaço que pudesse estar dedicado ao novo, só existe lugar para o mesmo, matéria prima do aborrecimento, da monotonia, que são, no final das contas, variações sobre o tema da mesmice.

O prazer narcisista a que nos referimos anteriormente merece uma reflexão um pouco mais demorada pois havíamos nos referido à sua natureza: a satisfação de sentir-se capaz de encontrar uma solução ali onde antes não se dispunha de nenhuma. Mas é um prazer que vale para um problema singular e uma solução singular. Não nos assegura, como é fácil imaginar, de que sejamos capazes de resolver qualquer outro problema. Devemos, para ser mais precisos, falar em prazer narcisista parcial, para caracterizar sua condição singular, válida para um determinado momento específico. A ausência deste prazer narcisista parcial pode evidenciar-se de várias formas, das quais queremos registrar pelo menos duas. Uma delas é a ausência de qualquer prazer narcisista. Trata-se daquelas pessoas que tenham construído uma imagem de si na qual se consideram incapazes de confiar nas suas produções, de confiar nas hipóteses que elas mesmas construam. Considerando-se incompetentes a priori, consideram toda as suas produções como desprovidas de valor, indignas de qualquer consideração e, portanto, consideram tão desprezíveis as suas produções quanto se consideram desprezíveis a si mesmas. É o estilo melancólico. Toda e qualquer atribuição de valor está destinada aos outros e não a si mesmas. Esta pessoa pode sentir algum tipo de satisfação narcisista quando alguma destas outras pessoas por ela valorizadas lhe atribuem algum valor, quando alguém de fora lhe invista com algum valor que ela está

convencida que não tem e até se sente constrangida por lhe ser atribuído isso. Não é raro que elas expulsem de si este valor atribuído, considerando-o um equívoco de quem o atribuiu. Quando não ocorre assim, seu prazer costuma durar enquanto haja um valor que lhe seja atribuído por alguém de fora. Outra forma do prazer narcisista parcial estar ausente é pela presença da onipotência narcisista. Este atributo implica que a pessoa se sinta portadora de um saber e poder extraordinário, dominando com plenitude e desenvoltura o campo dos conhecimentos, equivalente com o que descreviamos para o portador da certeza, que não passa de uma das formas desta plenitude narcisista.

Insistimos, até aqui, na existência destes dois conjuntos de características, que são, por um lado: a falta, a insatisfação, o prazer sublimatório e o prazer narcisista parcial; e por outro lado: a certeza, a incompreensão, a repetição, a ausência de prazer narcisista e a onipotência narcisista como antagônicas. O primeiro destes conjuntos é condição psíquica necessária para que se produza o processo de aprendizagem, enquanto que o segundo (ausência do primeiro) é obstáculo e impedimento para que ocorra a aprendizagem.

Mas nós, os humanos, sabemos que não somos tão maniqueístas quanto esta descrição acima proposta, um de cujos objetivos é exatamente acentuar os traços diferenciais chegando, talvez, até a uma caricatura. Não há ser humano, por mais original e abundante que seja a sua capacidade de produzir conhecimentos, que possa prescindir, em algum momento, do descanso na certeza e na repetição. É tentador, para quem quer que seja, poder usufruir dos prazeres da onipotência narcisista. É compreensível que tanto desconhecimento, que tanta insatisfação, possa produzir-nos cansaço, desejo de simplesmente apagar este sofrimento do nosso pensamento. É uma das formas mais comuns de descansar deste tipo de desgarramento é a repetição. Na repetição, descansamos da originalidade. Ficamos mais aliviados de não sermos surpreendidos por algo que jamais havíamos imaginado. Tão repousante pode ser a repetição que vamos encontrar neste refúgio um sem número de aposentados da vida. Mas nós humanos, que sabemos da dor das renúncias, dos desejos interminavelmente empilhados, sabemos também da dor do aprisionamento, da mesmice e do tédio. A repetição-refúgio pode tornar-se repetição-prisão. Há nesta repetição uma morte prematura capaz de lançar-nos de volta à vida. Assim oscilamos, como entre o sono e a vigília.

Se é verdade que estes circuitos de produção de conhecimentos absolutamente não necessitam da escola para ocorrer, não há porque pensar que não possam acontecer nela. Pelo contrário: se a escola não puder ser sede destes circuitos enriquecedores, terá se divorciado de seus objetivos mais nobres. É o professor - mais uma vez - um dos principais protagonistas destes processos. Versão humanizada dos conhecimentos acumulados da humanidade, em carne e osso, o professor está ao alcance do aluno, ali no seu cotidiano escolar (e muitas vezes extra-escolar). E tem, entre outras, a função de dar vida a este repertório de conhecimentos construídos coletivamente e fazê-los acessíveis ao mundo dos seus alunos. Oferecê-los, favorecer que os alunos se interessem por este universo de produções humanas e

acompanhá-los nestes roteiros da criação e da inteligência é tarefa e deleite do professor.

As reflexões aqui propostas indicam também outras formas de agir para o professor. A construção de uma nova hipótese é a forma da inteligência existir no homem. E como o aluno pode realizar esta construção diante do professor, este terá uma excelente oportunidade de reconhecer no seu aluno méritos para ingressar no mundo dos inteligentes. E poder festejá-lo com seu possuidor que, talvez, nem sequer seja capaz de reconhecê-los, muito menos de considerar que mereçam ser festejados.

Pensar a proposta didática de tal forma que sejam apresentadas sob a forma de questões que excitem a imaginação das crianças, questões selecionadas com cuidado e sensibilidade para que não sejam de tal complexidade que desestimulem o exercício da construção dos conhecimentos immobilizando a criatividade dos alunos e promovendo que se sintam fracassados, por um lado e, por outro, questões de tão fácil solução que sejam aborrecidas e desinteressantes para os alunos. Situação bastante complexa para o professor, que requer de seu talento docente, pois implica ter presente as variantes individuais de cada um dos seus alunos. Se isto é difícil de pensar e de fazer - e reconhecemos que é - não vemos na padronização da atitude do professor uma alternativa que não seja evitar o seu problema didático transferindo-o para o aluno.

Há, ainda, o aluno que possa demorar-se no âmbito da certeza. Seja porque se considere sabedor, conhecedor do assunto, portanto em condições de superioridade com relação aos seus pares; seja porque se considere incapaz de aprender, desequipado, fracassado a priori. Tem, nestes casos, o professor a incômoda função de desacomodar seu aluno desta certeza. Situação ingrata: criar um conflito onde ele não existia. Mas também situação de vida: sem esse conflito não há possibilidade de construção de novos conhecimentos, de ampliação dos horizontes deste sujeito. Se o professor precisar usar do poder emanado de sua autoridade para este fim, não vemos porque não o faça.